

POR QUE FALAMOS X E ESCRREVEMOS Y?: A INTERFERÊNCIA DA FALA NA AQUISIÇÃO DA ESCRITA

Aline de SOUZA
Gisele dos Santos da SILVA*

ABSTRACT: In this article we are going to analyse the influence of spoken language during the production of writing in the literacy period, we focused the problem of the phono-orthographic of diphthongization and monophthongization. For this, we realized a survey in which we collected data from speech and writing of a group of students who have the Brazilian Portuguese (BP) as their mother tongue, and a group of foreign students. Based on this data we are going to analyse whether there is interference in the acquisition of speech in writing and explain how this interference occurs. As theoretical basis we used the Phonology and Language Use proposed by Bybee (2001) and the ExemplarTheory proposed by Johnson (1996) and Pierrehumbert (2000). We also take in consideration the study made by Darcila Simões (2006), which is presented a proposal to the writing children problems.

KEYWORDS: Writing Acquisition; monophthongization and diphthongization; Phonology and Language Use; ExemplarTheory; problems.

1. Introdução

Durante uma aula de português para estrangeiros, um aluno faz a seguinte pergunta: “Por que escrevemos ‘mas’ se falamos ‘mais’?”. É a partir dessa indagação que surge o objeto de estudo deste trabalho: problematizar a interferência da língua falada na produção da escrita durante o período de letramento escolar, voltando-nos para o problema fono-ortográfico da *ditongação* e *monotongação*. Para isso, realizamos uma pesquisa em que coletamos dados da fala e da escrita de um grupo de alunos da quinta série do ensino fundamental que têm o Português Brasileiro (PB) como língua materna, e de um grupo de alunos estrangeiro de uma classe de português como língua estrangeira. Com base nos dados obtidos nesta pesquisa, analisaremos se ocorre a interferência da fala na aquisição da escrita e, em consequente, explicaremos como se dá tal interferência. Tomemos, primeiramente, como embasamento teórico a *Fonologia de Uso*, proposta por Bybee (2001), em que a autora defende a fusão de fonologia, morfologia e semântica, além da relação entre a gramática, unidades lexicais e a estrutura fonológica, da qual nos valeremos do princípio da experiência e efeitos de frequência para nortear este trabalho. Consideremos ainda, como base para nossa análise, a *Teoria de Exemplos* proposta por Johnson (1996) e Pierrehumbert (2000), uma vertente teórica que se opõe à ideia de categorização do sistema lingüístico e aborda a existência das variáveis fonológicas possíveis na produção oral de uma língua, condizendo com a *Fonologia de Uso* de Bybee (2001). Também levemos em consideração o estudo realizado por Darcilia Simões (2006), no qual apresenta uma proposta de abordagem de problemas da escrita infantil. Finalmente, após elucidar a ocorrência dos fenômenos de *monotongação* e *ditongação*, apontaremos as principais consequências que estes fenômenos podem possibilitar durante o processo de aquisição da escrita tanto para falantes nativos de PB quanto para falantes de PB como língua estrangeira.

* Ambas são estudantes do curso de Graduação em Letras Português – Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

2. Monotongação, ditongação e a aquisição da escrita

Antes de mais nada, atentemo-nos para o fato da interferência da língua falada na produção da escrita, um problema fono-ortográfico já muito debatido, como ressalta Darcilia Simões em sua obra “Considerações sobre a fala e a escrita” (2006 p. 48). Segundo a autora, em análise sobre a escrita infantil, essa problemática advém geralmente da disparidade de informações as quais os alunos estão expostos durante o período de letramento. Por um lado tem-se a variante popular do aluno e, por outro, a variante padrão, a qual é ensinada pelo professor em sala de aula, causando um choque de parâmetros lingüísticos que vêm a interferir no aprendizado do aluno, chegando a tornar o ensino da variante padrão como se fosse uma “língua estrangeira”, como afirma Simões (2006).

Porém, a autora ainda aponta que essas confusões que ocorrem inicialmente na aquisição da escrita e fala é muito controverso, não tendo um só motivo. É importante ressaltar que nem o professor nem os alunos são os responsáveis por tais ocorrências, pois é um fenômeno natural dessa fase que provavelmente será corrigido posteriormente ao processo de letramento.

Nessa pesquisa, foquemo-nos na interferência da língua falada na produção da escrita a partir dos problemas fono-ortográficos da *ditongação* e *monotongação* na aquisição da escrita infantil e estrangeira. Para tanto iniciamos com a explicação dos conceitos relevantes para o bom entendimento desse artigo. Temos inicialmente que o termo *ditongo* pode ser conceituado como um encontro de uma semivogal com uma vogal, ou vice-versa, em uma mesma sílaba. Segundo Silva (2008, p. 94)

“Um ditongo consiste de uma sequência de segmentos vocálicos, sendo que um dos segmentos é interpretado como vogal e o outro é interpretado como um glide. O segmento interpretado como vogal no ditongo é aquele que tem proeminência acentual (ou seja, conta como uma unidade em termos acentuais). O segmento interpretado como glide não tem proeminência acentual. Em um ditongo, a vogal e o glide são pronunciados na mesma sílaba (...)”

Segundo Bortoni-Ricardo (2004) o fenômeno de *monotongação* refere-se à perda da semivogal nos ditongos crescentes ou decrescentes, simplificando, assim, a estrutura da sílaba a qual passa a obedecer a regra padrão cV (consoante + vogal). Já o fenômeno da *ditongação*, como está explicitado no Dicionário Houaiss (2009, p. 700), trata-se de:

Substantivo feminino; Rubrica: fonética. mudança fonética que consiste na união, em uma mesma sílaba, de uma vogal silábica e uma semivogal, formando um ditongo [Pode ser resultado de evolução diacrônica (como a ocorrida na evolução do latim lacte ao português leite), ou de alternância sincrônica; a semivogal pode ser inserida por acréscimo (p.ex., a semivogal [y] antes de /s/ final em alguns dialetos brasileiros, como o carioca: nós 'nós', rapais 'rapaz'), ou ser resultado da transformação de uma vogal silábica em semivogal (p.ex., latim me-u deu em português meu).]

Após essa explanação, passemos a analisar os dados obtidos em pesquisa de campo, com um grupo de alunos da quinta série do ensino fundamental do Colégio Estadual Walde Rosi Galvão, localizado na cidade de Pinhais/PR, e um grupo de alunos estrangeiros, da turma de português para estrangeiros do Centro Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CALEM – UTFPR), em Curitiba/PR.

Nossa pesquisa foi realizada em dois momentos: um voltado para a análise da escrita, em que foram aplicadas 04 (quatro) frases por meio de ditado, e o outro para a fala, em que os alunos leram uma lista composta por 11 (onze) trava-línguas, havendo a gravação dos dados. Em ambos os casos as frases trabalhadas trouxeram palavras que possibilitam a ocorrência dos fenômenos de *monotongação* e *ditongação*. A partir da análise desses dados, situaremos posteriormente em quais situações ocorreu a influência da fala na escrita.

Para tal análise, baseamo-nos na Fonologia de Uso proposta por Bybee (2001) e na Teoria de Exemplos proposta por Pierrehumbert. De maneira geral a teoria de Bybee (2001) está relacionada com a repetição de determinados itens lexicais considerados “padrões”. Esses itens lexicais fazem parte de uma rede, formando um grupo de exemplares, podendo estes serem interligados por relações de forma e ou por relações de significados. Fatores de cunho social, gênero e estilo também interferem nesta rede. Assim, as palavras que atuam em representações múltiplas são tidas como unidades representacionais.

De acordo com a professora doutora Maria Lúcia de Castro Gomes (2009, p. 150) os princípios básicos da teoria de Bybee, também conhecida como Modelos de Redes, são:

- (a) A experiência afeta a representação, pois a frequência das palavras tem forte relação com o acesso ao léxico mental, na medida em que palavras de alta frequência têm representação mental mais forte do que palavras de pouca frequência.
- (b) Os objetos lingüísticos não são diferentes de outros objetos, no que se refere à representação mental. Isso significa abdicar da concepção da modularidade lingüística.
- (c) A categorização é baseada na identidade ou similaridade, isto é, as relações entre os objetos lingüísticos se farão pelas semelhanças ou distâncias fonéticas.
- (d) As generalizações sobre as formas não são separadas da representação armazenada dessas formas, mas emergem diretamente delas.
- (e) A organização lexical torna possíveis as generalizações e a segmentação em vários níveis de abstração e generalidade. As relações de identidade ou similaridade que organizam as representações dão vazão aos segmentos, sílabas e morfemas, formando os chamados esquemas.
- (f) O conhecimento gramatical é processual. A fonologia, nessa concepção, é parte ativa no processo de construção, e não simplesmente parte de um sistema psicológico e abstrato.

De acordo com estes princípios, três pontos fundamentais da teoria merecem destaque: o papel da repetição, os efeitos de frequência e o caráter emergente da gramática. A língua, por ser um objeto convencional e cultural, apresenta a peculiaridade de ser formada por meio da repetição. É também a repetição, na aquisição fonológica, a responsável pelo fortalecimento das representações que possibilitam a identificação dos significados implícitos, possibilitando a compreensão por determinado grupo de falantes que compartilham de um mesmo contexto. A decorrência da frequência pode ser considerada de duas formas: a frequência de ocorrência e a frequência de tipo. A primeira está ligada com qual a frequência que determinada unidade ocorre, geralmente é a frequência de ocorrência de uma mesma palavra num texto. Já a frequência de tipo está relacionada à frequência de certo padrão no léxico de uma língua. Dois efeitos da frequência de ocorrência são importantes para a fonologia e a morfologia porque, o primeiro efeito afeta a mudança fonética conforme a frequência de uso e, por outro lado, o segundo efeito está ligado à resistência à mudança. Sobre isso, Gomes (2009) afirma que:

Dois efeitos da frequência de ocorrência são importantes para a fonologia e a morfologia. O primeiro diz respeito à mudança fonética, cujo processo é afetado pela frequência de uso, ou seja, a mudança de som será mais rápida em palavras de alta frequência. O outro efeito, que parece contradizer o primeiro, se refere à resistência à mudança. As formas mais conservadoras da língua são justamente as

formas mais frequentes. É como se o acesso freqüente fortalecesse a representação daquele objeto, tornando-o mais resistente à mudança. (GOMES, 2009, p. 151)

Na Fonologia de Uso, Bybee ainda aborda a forma de armazenamento das palavras no léxico que, pela freqüência de uso, acontece por meio de um modelo dinâmico probabilístico, baseado no uso, deixando de ostentar um formato estático de lista.

O que queremos salientar com essa afirmação é o fato de que a língua falada é adquirida pelo falante por meio da repetição, não seguindo um modelo estrutural padrão como acontece com a língua escrita em que temos a variante-padrão considerada a variante de prestígio. Na língua falada existem diversas variantes possíveis, sendo algumas consideradas variantes de prestígio e outras consideradas variantes “vulgares”. Como defende Simões (2006), durante o período de letramento infantil o professor se depara com a difícil incumbência de ensinar a variante-padrão ao aluno, mas sem estigmatizar a variante popular que provém da língua falada do mesmo, mostrando-lhe que a padrão é a adequada para a escrita e a não-padrão é cabível ao contexto da fala.

Ao analisar os dados coletados, percebemos que a língua falada interfere sim na escrita, principalmente para os falantes que tem o Português Brasileiro (PB) como língua materna. Comparemos as tabelas com os dados escritos e falados:

LEITURA	A E 1	A E 2	A B 1	A B 2	A B 3	A B 4	A B 5	A B 6
ROUPA	roupa	<u>ropa</u>	roupa	roupa	roupa	roupa	roupa	roupa
CHEIRO	<u>chero</u>	<u>chero</u>	cheiro	cheiro	cheiro	cheiro	cheiro	<u>chero</u>
TRÊS	três	três	três	três	treis	três	três	três
LOURA	<u>lora</u>	<u>lora</u>	loura	loura	loura	<u>laura</u>	loura	<u>loira</u>
POUCA	pouca	<u>poca</u>	pouca	pouca	pouca	pouca	pouca	pouca
PEDREIRO	<u>pedrero</u>	pedreiro	pedreiro	pedreiro	pedreiro	pedreiro	pedreiro	pedreiro
CHAVEIRO	<u>chevero</u>	chaveiro	chaveiro	chaveiro	chaveiro	chaveiro	chaveiro	chaveiro
ENCAIXA	encaixa	encaixa	encaixa	encaixa	encaixa	encaixa	encaixa	encaixa
PRATELEIRA	<u>prateleira</u>	prateleira	prateleira	prateleira	prateleira	prateleira	prateleira	prateleira
FEIRA	feira	feira	feira	feira	feira	feira	feira	feira

Fig. 1 – Tabela com dados da fala dos alunos¹

Na tabela da leitura, podemos observar que para a maioria das palavras são constatadas mais de uma variável possível. Os dados dos alunos A E 1 e A E 2, ambos alunos da classe de português para estrangeiros, são os que mais apresentam o fenômeno de monotongação durante a fala. Já entre os demais alunos, todos da quinta série do ensino fundamental, não houve muitos casos de monotongação ou ditongação. Com base na Fonologia de Uso, de Bybee, em que a freqüência do uso interfere no armazenamento de palavras no léxico de uma língua, como vimos anteriormente, podemos afirmar que a monotongação não ocorreu com a palavra “feira” por ser um vocábulo de alta freqüência tanto para os falantes de PB como língua materna quanto para os falantes de PB como língua estrangeira. Em outras palavras, o vocábulo “feira” está armazenado no léxico dos falantes do Português Brasileiro como a variante-padrão tanto para a escrita quanto para a fala devido ao seu uso freqüente. Temos também, que destacar o fato das palavras aqui analisadas serem de

¹ A E indica os alunos estrangeiros e A B indica os alunos brasileiros

uso comum e frequente para os falantes de PB, enquanto que para os falantes de PB como língua estrangeira tais palavras não fazem parte de seu léxico de uso frequente.

Por outro lado, quando analisamos a ocorrência da monotongação e ditongação na escrita, este quadro se inverte. Vejamos a tabela a seguir:

DITADO	A E 1	A E 2	A E 3	A B 1	A B 2	A B 3	A B 4	A B 5	A B 6	A B 7	A B 8
CAIXA	caixa	caixa	caixa	caixa	<u>caxa</u>	caixa	caixa	caixa	<u>caxa</u>	caixa	caixa
ROUPAS	roupas	roupas	roupas	roupas	roupas	roupas	roupas	roupas	roupas	roupas	roupas
QUEIJO	queijo	queijo	queijo	queijo	<u>quejo</u>	queijo	queijo	queijo	queijo	queijo	queijo
PEIXE	peixe	peixe	peixe	peixe	peixe	peixe	peixe	peixe	peixe	peixe	peixe
BEIJOU	beijou	beijou	beijou	beijou	beijou	beijou	beijou	beijou	beijou	beijou	beijou
TRÁS	trás	trás	trás	trás	trás	trás	trás	trás	trás	trais	trás
FAZ	faz	faz	faz	faz	faz	faz	faz	faiz	faiz	fais	faz
MAS	mas	mais	mas	mas	mais	mais	mais	mais	mais	mas	mais
PRIMEIRO	primeiro	primeiro	primeiro	primeiro	primeiro	primeiro	primeiro	primeiro	primeiro	primeiro	primeiro
TROUXE	trouxe	trouxe	<u>trazou</u>	trouxe	trouxe	trouxe	trouxe	<u>troxe</u>	<u>troxe</u>	trouxe	trouxe
DEIXOU	deixou	deixou	<u>dechou</u>	deixou	deixou	deixou	deixou	deixou	deixou	deixou	<u>dexou</u>

Fig. 2 – Tabela com dados escritos dos alunos

Com base nos dados da figura 2, constatamos que na escrita tivemos mais casos de ditongação, principalmente na grafia da palavra “mas” e “faz”. Vale destacar também que a maior parte dos casos de ditongação e monotongação ocorreram entre os alunos da turma de quinta série, enquanto os alunos estrangeiros (representados na tabela como A E 1, A E 2 e A E 3) não apresentarão grande variação na escrita.

Voltando-nos mais uma vez para a Fonologia de Uso, considerando os princípios básicos dessa teoria na qual é postulado que a experiência afeta a representação, uma vez que palavras de alta frequência têm representação mental mais forte que palavras de baixa frequência, podemos afirmar que a ocorrência da ditongação nas palavras de alta frequência “mas” e “faz” se dá devido à representação mental de tais léxicos que estão ligadas a variante da língua falada “mais” e “faiz” de uso mais frequentes pelos falantes de PB. Isso não quer dizer que o falante não conheça a variante-padrão. Ao contrário, a variante-padrão faz parte da rede de representações no léxico do indivíduo, mas este faz uso de uma unidade semelhante àquela considerada variante de prestígio para a escrita. Já no caso dos alunos estrangeiros o emprego da variante popular não acontece com grande frequência devido ao fato de eles estarem aprendendo a língua como segunda língua e, como no aprendizado de qualquer língua que não seja a materna, o aluno está exposto não só a atividades para desenvolvimento da competência comunicativa como também está em prática de atividades ligadas à competência sintático-semântica. Dessa forma, faz-se mais propício para o aluno estrangeiro o emprego da variante-padrão no processo de aquisição da escrita da segunda língua, pois é a que o aluno está em contato com maior frequência, diferente do falante nativo que está em contato com diversas variantes de sua língua mesmo antes do letramento.

A teoria da Fonologia de Uso é compatível com as ideias propostas por Pierrehumbert, intitulado Modelo de Exemplos, pois ambas tratam as frequências como protagonistas de processo de aquisição da fonologia.

Nesse momento vamos explorar um pouco a respeito desse Modelo de Exemplos. Pierrehumbert em seu ensaio “Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast”

afirma que os falantes de uma língua são capacitados de conhecimento implícito para classificar as palavras que existem ou não no léxico, como também de aceitar se determinada palavra pode ser aceita em sua língua, mesmo que não faça parte, mas que possua elementos semelhantes ao léxico do indivíduo.

Em síntese, a teoria do Modelo de Exemplares é como se fosse um banco de dados de todas as possibilidades existentes para se utilizar na língua, ou seja, um banco de dados das variantes linguísticas que se pode ocorrer na língua. Para Pierrehumbert, esses elementos distintos são nomeados de *exemplares*, e um conjunto de exemplares forma uma *categoria*. As categorias mais frequentes possuem mais exemplares e também são mais ativados, ou seja, mais utilizados do que categorias menos frequentes. Segundo a professora Maria Lúcia de Castro Gomes (2009, p. 155), em análise sobre a teoria de Pierrehumbert, as categorias são representadas na memória individualmente dentro de uma nuvem de ocorrências, organizadas em um mapa cognitivo, que é formado a partir de três processos:

Em primeiro lugar, a complexidade dos padrões fonéticos, com os inúmeros detalhes específicos da língua, tanto no nível fonológico quanto no prosódico, deve ser adquirida de forma estatística a partir do sinal de fala (aqui a autora (Pierrehumbert) se opõe à existência apriorística da gramática universal). Em segundo lugar, a aquisição é acompanhada por dois tipos de feedback: o da comunidade a qual o indivíduo pertence, e o da gramática fonológica interna. O terceiro processo é a convergência dos níveis de representação no sistema fonológico. Num processo ascendente, o sistema fonológico se inicia a partir dos dados estatísticos na fala, com a frequência das ocorrências, e vai se refinando com as estatísticas dos tipos existentes no léxico. O reconhecimento, identificação e discriminação dos sinais de fala se fazem por regras de escolha estatística.

Em outras palavras, partindo desses princípios, temos que a partir do momento em que um indivíduo começa a se desenvolver verbalmente ele tem a capacidade inata de captar e manter para si as muitas variantes a ele apresentado de maneira formal em sala de aula ou de maneira informal em situações do cotidiano. Após o indivíduo ter o conhecimento dessas variantes ele tem a opção de uso de maneira que mais lhe agrada. É essa maneira de adquirir conhecimento e depois ter a opção de uso, ou não, que é denominada *forma estatística*, que é a aprendizagem por forma de coleta. Então os sujeitos apresentam exemplares mais ativos que outros, que são os elementos mais utilizados, porém, todos possuem na memória uma série de exemplares os quais não serão utilizados por não fazerem parte do seu dialeto ou do seu estilo de fala, mas que serão compreendidos na fala de outro indivíduo. Outro ponto relevante é o de que a aquisição da linguagem sofre interferência de fatores externos, no caso da comunidade na qual a pessoa convive e o da gramática fonológica interna.

Então, é comum que, por exemplo, eu tenha o conhecimento de que as palavras mandioca e macaxeira signifiquem a mesma raiz, mas eu só utilize um desses termos. Mas nossa pesquisa não focou essas variações lexicais, e sim as palavras que envolvem supressão ou adesão de ditongos, que ainda é muito mais aceitável somente na forma oral, mas que cada vez mais está sendo refletida na forma escrita, como visto nas tabelas acima apresentadas. É perceptível que ocorre em nossa sociedade essa querela entre escola e sociedade em geral, em que temos, por exemplo, as palavras *ropa*, *chero*, *lora* que não são ensinadas de acordo com essa grafia em sala de aula, aliás, são até corrigidas, pois vão contra o dicionário e a gramática normativa, mas é assim que muitas pessoas estão falando.

3. Considerações finais

Enfim, o problema em questão não é apenas a interferência da língua falada na aquisição da escrita. Sendo o procedimento de aquisição da escrita um processo de maior complexidade, preocupa-nos a posição do professor durante esse processo. Durante este período, o alfabetizando leva algum tempo para começar a distinguir o sistema fônico do sistema ortográfico e, caso o professor exigir muito do aluno nas questões ortográficas, ele poderá criar um estigma no aluno, dificultando não somente a aquisição da escrita como também a aquisição de outras variantes fonológicas. É importante que o professor, mesmo não ensinando as variações sociolinguística explicitamente em suas aulas, deixe claro para seus alunos que não existe linguagem “errada”, mas sim variantes, e estas se adequam de acordo com o contexto de uso. E, posto isso, proporcionar que o processo de letramento do aluno se desenrole de maneira não tão comprometida no que se refere às questões ortográficas irá contribuir para a boa fluência e eficiência da produção escrita do alfabetizando. Como defende Darcilia Simões (2006, p.49):

O raciocínio linguístico na infância busca regularidades no sistema da língua, do tipo: *comi, bebi, fazi*; disto resultam problemas de natureza: fônica, gráfica, mórfica, sintática etc. Logo: trabalhar desde o início do letramento com a responsabilidade de grafagem da forma dicionarizada é um acréscimo prematuro de complexidade que pode atropelar o processo; e quase sempre o faz.

Anexos

Anexo 1

Lista dos trava-línguas aplicados durante a pesquisa.

- O rato roeu a roupa do rei de Roma.
- Chega de cheiro de cera suja.
- Três pratos de trigo para três tigres tristes.
- Fala, arara loura. A arara loura falará.
- O Tempo perguntou pro tempo quanto tempo o tempo tem, o Tempo respondeu pro tempo que o tempo tem o tempo que o tempo tem.
- O pinto pia, a pia pinga. Quanto mais o pinto pia, mais a pia pinga.
- O padre pouca capa tem, pouca capa compra.
- Pedreiro da catedral está aqui o padre Pedro? - Qual padre Pedro? - O padre Pedro Pires Pisco Pascoal. - Aqui na catedral tem três padres Pedros Pires Piscos Pascoais. Como em outras catedrais.
- A chave do chefe Chaves está no chaveiro.
- O Juca ajuda: encaixa a caixa, agacha, engraxa.
- Tigelinha de água fria, que caiu da prateleira, foi nos olhos de Maria, que chorou segunda-feira.

Anexo 2

Lista das frases ditadas para os alunos durante a pesquisa.

- Bruno não achou a caixa de sapatos que comprou.

- Anita comprou roupas novas, mas esqueceu de comprar o queijo e o peixe para o jantar.
- Clara beijou o namorado e foi embora sem olhar para trás.
- Faz um ano que ela se foi. Primeiro trouxe a felicidade, mas depois deixou a saudade.

Referências

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. cap.(qual número do cap?).A variação lingüística no português brasileiro. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula*. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2004.
- BYBEE, Joan. *Phonology and Language Use*. Cambridge: CUP, 2001.
- GOMES, Maria L. C. *A Produção de palavras do inglês com o morfema ed por falantes brasileiros: uma visão dinâmica*. Universidade Federal do Paraná, 2009, p.150 Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/1884/19779/1/TESE%20VERSAO%20FINAL%20POS%20BANCA.pdf> acessado em junho 2010.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- PIERREHUMBERT, Janet B. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. In BYBEE, J.; HOPPER, P. (Eds). *Frequency effects and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001b, p. 137-157.
- SILVA, Thaís Cristófaró Silva. *Fonética e fonologia do português*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- SIMÕES, Darcília. *Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave*. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2006.